

# ZERO

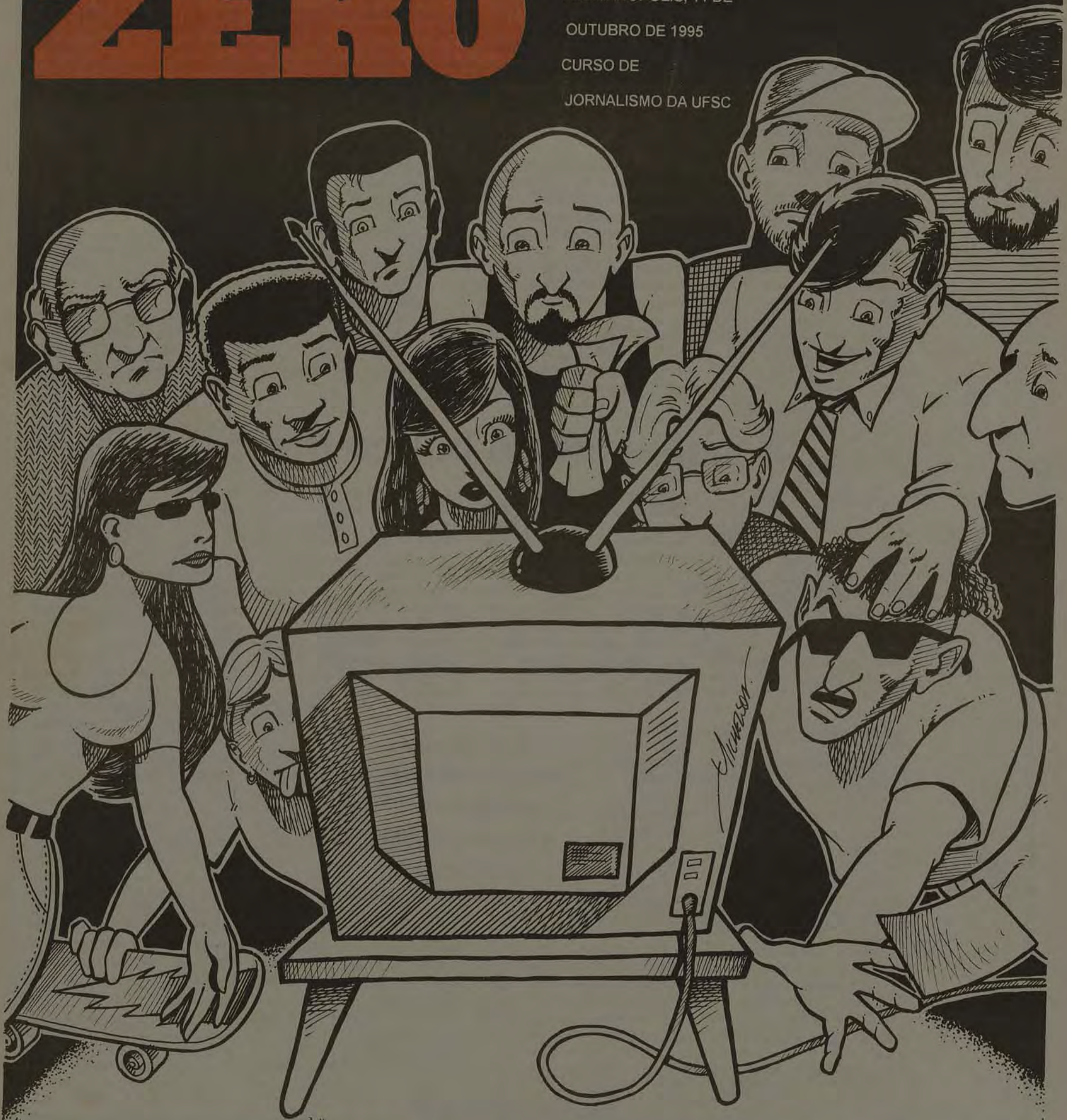
Nº 4 - ANO XIII

FLORIANÓPOLIS, 11 DE

OUTUBRO DE 1995

CURSO DE

JORNALISMO DA UFSC



## SORTE VIA SATÉLITE

Catarinenses gastam milhões na Pimba, a loteria eletrônica lançada há um mês pelo governo do estado e que já virou vício entre os apostadores

*Na central*

# Mais responsabilidade

ZERO  
ZERO  
ZERO

Com este número, o ZERO consolida seu projeto de lançar uma edição por semana. A experiência tem se mostrado válida. Maiores responsabilidades estão sendo cobradas dos alunos que se propuseram a encarar o desafio. Faremos, porém, uma pausa em nossos trabalhos. De 17 a 19 de outubro, a maioria dos alunos do Curso de Jornalismo estará em Porto Alegre participando do 8º Set Universitário, o festival de laboratórios de comunicação promovido pela PUC-RS. Mas o ZERO voltará a ser produzido na semana seguinte ao festival.

Nesta edição, ZERO denuncia uma forma imoral de se conseguir uma boa nota na Universidade. Por trás dos anúncios oferecendo serviços de digitação de trabalhos se esconde uma prática que aos poucos se torna comum na UFSC: profissionais são pagos por alunos para não somente digitar mas também elaborar todo o trabalho.

ZERO explica como funciona a Pimba, a nova loteria do governo do estado lançada há pouco mais de um mês. Em Florianópolis, já existem pessoas que estão ficando viciadas e não perdem um sorteio - que é feito a cada cinco minutos.

Mais um candidato à reitoria é entrevistado por ZERO. Desta vez é Nilcéa Pelandré, da chapa Universidade Cidadã. Nilcéa deixou o cargo de vice-reitora e agora quer ocupar o cargo de Diomário Queiroz. Apoiada pelo atual reitor, ela quer vencer a eleição

com uma plataforma política baseada na experiência acadêmica.

No artigo desta semana, o professor Orlando Tambosi "disseca" os neo luddistas, pessoas que são totalmente contrárias ao desenvolvimento científico e tecnológico. Organizações que mandam bombas a cientistas e universidades e intelectuais que quebram computadores a golpes de martelo. Para eles, qualquer espécie de desenvolvimento tecnológico é altamente nocivo à natureza e à humanidade.

O jornalismo científico, pauta bissexta no ZERO, é abordado com um pesquisador da UFSC que está entre os que mais produzem trabalhos acadêmicos no Brasil. Ele faz parte de uma lista publicada no jornal Folha de S. Paulo com os pesquisadores mais produtivos do país.

O julgamento do nome da capital no dia cinco de outubro é lembrado, mas para falar de outra simulação de tribunal do júri na UFSC, um dia depois. A matéria mostra como essa simulação foi muito mais proveitosa para a universidade e para os alunos do que aquela promovida pelo curso de história.

Para fechar o ZERO um perfil de Dozol, o filósofo fundador da "República da Caverna", uma casa construída dentro do campus da UFSC. Formado em Filosofia, Dozol luta contra a Universidade, que quer lhe despejar e até já pediu reintegração de posse na justiça.

## As ciências no banco dos réus

Nosso "breve século XX" registrou os mais extraordinários avanços nas ciências e suas aplicações, transformando o mundo e o nosso conhecimento dele. Sem a ciência, a vida cotidiana em todo o planeta seria inconcebível. Basta lembrar algumas tecnologias - das mais simples, como a geladeira e as vacinas, às mais complexas: raios lasers, energia nuclear, veículos motorizados, computadores, satélites, meios de comunicação, etc.

Todo esse progresso foi acompanhado de reações de desconfiança e medo, quando não de ódio e rejeição do conhecimento científico. As ciências erradicaram muitas certezas, sem deixar, em troca, nenhuma consolação: nem antropomórficas nem antropocêntricas, elas não projetam o mundo apenas em função dos nossos desejos ou valores. Afinal, trata-se de conhecimento objetivo, e este não tem compromisso com a "felicidade" humana ou com a resolução de todos os problemas da espécie. Esta dilaceração é o preço da modernidade.

Esse "mal da alma", como

disse Monod, é a base da negação da cultura científica. É para com os subprodutos tecnológicos da ciência que a aversão se manifesta mais claramente: a bomba atômica, a destruição da Natureza, a "explosão demográfica". Confunde-se ciência e tecnologia (quando não se identifica ambas com ideologia). Não se percebe que o emprego da energia nuclear se tornará indispensável à sobrevivência da humanidade; que a destruição da Natureza é consequência de tecnologia insuficiente, e não de muita tecnologia; e que a "ameaça demográfica" resulta do fato de milhões de pessoas serem salvas da morte a cada ano (graças aos avanços da Medicina, da Engenharia Genética, etc.).

O mesmo "mal da alma" gerou, durante o nosso século, discussões cíclicas sobre a "crise da razão", numa época em

que é mais apropriado falar em racionalidades do que em razão (retardatários, alguns intelectuais brasileiros vão debater o mesmo tema no final do mês). E tome Marcuse, Adorno e Horkheimer: "razão instrumental", "razão unidimensional", "razão técnica" - enfim, crítica da Civilização e ataque à "sociedade industrial" ou "tecnológica" (não por acaso, a sociedade moderna, baseada na ciência e na tecnologia).

**"As ciências erradicaram muitas certezas, sem deixar nenhuma consolação"**

Com a informatização, aumentam a tecnofobia e a rejeição das tecnologias. Nos EUA, o *Unabomber* envia cartas-bombas para cientistas, universidades e linhas aéreas, e um intelectual que escreveu livros como *Rebeldes contra o futuro* e *A revolução verde* ilustra suas conferências quebrando computadores a golpes de martelo. Refiro-me a Kirkpatrick Sale (ops!), líder dos neoluddistas (luddistas, recorde-

se, eram os velhos camponeses ingleses que, entre 1811 e 1813, quebravam máquinas em protesto contra a revolução industrial).

Algumas pérolas de Sale: "a civilização é catastrófica, porque destrói a si mesma e o ambiente natural"; "o uso da ciência e das suas tecnologias é um atentado à Natureza, é uma tentativa de criar uma natureza tecnológica, de modo que a humanidade possa controlar todas as coisas da Natureza"; "nós, luddistas, não somos como os Flintstones: na minha opinião, os Flintstones dispunham de muita tecnologia supérflua".

No paraíso vislumbrado por Sale desaparecem os produtos tecnológicos: do computador ao forno de microondas, da videocâmera ao telefone digital. Até o automóvel é um demônio: melhor sair por aí numa velha bicicleta. A utopia do último dos luddistas é uma volta ao passado. Como quase todas as utopias anticientíficas contemporâneas.

**Orlando Tambosi**

Professor adjunto do curso de jornalismo da UFSC

### expediente

**Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina**

**Arte:** Alessandro Bonassoli, Michelson Borges

**Edição:** Alessandro Bonassoli, Diógenes Botelho, Gladinston Silvestrini, Josemar Sehnem, Marcelo Santos, Pablo Claudino, Renê Müller, Sérgio Severino, Yan Boëchat  
**Editoração:** Clayton Wosgrau, Gladinston

Silvestrini, Pablo Claudino, Sérgio Severino  
**Textos:** Aline Cabral, Carlito Costa, Eduardo Mira, Flávia Rodrigues, Joice Sabatke, Luciane Lemos, Michele de Oliveira, Renata Lago, Renê Müller, Sandra Vieira, Sérgio Negrão

**Fotografia:** Bárbara Petres, Paulo de Tarso, Marcelo Santos, Sandra Vieira  
**Laboratório Fotográfico:** Paulo de Tarso  
**Montagem:** Gladinston Silvestrini  
**Supervisão:** Prof. Carlos Locatelli

**Redação:** Curso de Jornalismo (UFSC - CCE), Campus Universitário, Trindade, Florianópolis-SC - CEP 38040-900  
**Telefones:** (048) 231-9490 e 231-9215  
**Fax:** (048) 234-4069  
**Fotólitos e impressão:** Diário Catariense  
**Tiragem:** 5 mil exemplares  
**Distribuição Gratuita**  
**Circulação Dirigida**

# Governo quer rolar dívida de SC

*Dívidas do estado com a União obrigam Paulo Afonso a exigir menos gastos nas secretarias*

Em mais uma tentativa de aumentar o dinheiro disponível no caixa do estado, o governador Paulo Afonso foi a Brasília na semana passada para discutir a rolagem da dívida pública de Santa Catarina com o ministro da Fazenda, Pedro Malan. A viagem foi um convite do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, feito no último dia 25 durante a reunião dos governadores. A equipe catarinense apresentou números da situação financeira do estado e espera uma proposta de negociação. O Senado vem analisando uma diminuição de 11% para 7% nas parcelas da dívida, mas o governo do estado não acredita na aprovação da idéia. Santa Catarina deve R\$ 2 bilhões ao governo federal.

Esta semana, Neuto de Conto volta a Brasília para um encontro de negociação com Malan. A viagem coincide com a proposta do governo federal de trocar a dívida dos estados pelo apoio às reformas constitucionais. Mas Santa Catarina prefere ficar com a dívida, porque o secretário da Fazenda não aprova as mudanças tributárias do jeito que estão. A solução seria aumentar a validade do Fundo de Compensação dos Estados de um para três anos e colocar um rendimento de 1% ao ano sobre o valor. A reforma tributária tam-

bém vai ser discutida com o ministro Nelson Jobim e com a Comissão de Assuntos Econômicos da Câmara Federal.

Com as dificuldades, Paulo Afonso começou a sentir que seus secretários não estavam com o mesmo entusiasmo do início do ano. Assim que voltou de Brasília, reuniu o colegiado e deu uma bronca nos seus colaboradores, exigindo "criatividade" nas soluções. Imediatamente, os secretários combinaram reuniões para encontrar saídas e adiantaram que vão fazer cortes no custeio - luz, água, telefone, correios - para fazer sobrar dinheiro. O estado gasta cerca de R\$ 30 milhões com este tipo de despesa. Com R\$ 7 milhões poderia construir o Hospital Infantil de Joinville.

**Comprometimento**-A falta de dinheiro no governo estadual se deve ao pagamento de gratificações por tempo de serviço aos aposentados, assim como são pagos aos ativos. São porcentagens a mais no salário, que variam de acordo com o tempo de serviço. Com a inflação estável, o governo não conseguiu mais jogar com os rendimentos. O pagamento de anuênios e triênios aos aposentados é um dos benefícios que a reforma administrativa quer cortar.

A folha de pagamento também guarda outro motivo para



o fim do dinheiro. O estado tem que pagar 120 mil servidores, o que compromete 90% da receita mensal. Além destes, ainda existem outros 24 mil Admitidos por Contrato Temporário - os ACTs. O secretário da Qualidade e Produtividade, César

Barros Pinto, não vê melhora para a situação econômica de Santa Catarina e acha que os problemas ainda vão demorar a ser resolvidos.

*Flávia Rodrigues*

## Crianças sem-terra protestam na capital

Cerca de 300 crianças fizeram uma passeata em Florianópolis no último dia 11 de outubro. Eram os filhos dos sem-terra das regiões oeste, planalto e centro de Santa Catarina reivindicando por melhores condições de vida no campo e urgência na reforma agrária. Munidos com faixas e cartazes eles foram no Palácio do Governo, na Assembléia Legislativa e na Secretaria de Educação entregar o manifesto feito durante o 1º Congresso Infantil de Áreas de Acampamento e Assentamento de SC.

Acesso à escola aos acampados e atendimento médico-odontológico para as famílias sem terra são alguns dos itens apresentados no documento que, para frustração do líder infantil Itacir Pereira, não foi entregue direto nas mãos do go-

vernador Paulo Afonso Vieira. "Ele escapuliu quando viu que a gente estava chegando", grita o garoto de apenas 13 anos às demais crianças.

Itacir mora no assentamento União da Vitória em Fraiburgo onde, segundo o garoto, a situação é dramática. Quando alguém fica doente por exemplo tem que acordar de madrugada, andar 10 km, pegar um ônibus para chegar na cidade e ainda enfrentar fila para conseguir uma consulta, pois o único posto do assentamento está desativado por falta de profissionais capacitados. Mas isso não incentiva o garoto a sair do campo e vir morar na cidade. "No campo é difícil, mas ninguém é assaltado" diz o garoto que pretende ser técnico agrônomo.

Mais 5 mil crianças vivem

em 62 áreas de assentamento e quatro acampamentos em todo estado. "Nós só queremos nossos direitos de educação, saúde e lazer", diz o líder infantil, lembrando as normas do estatuto

da criança e do adolescente. Direitos que ele gostaria de ganhar como presente de dia das crianças.

*Sandra Vieira*



O líder infantil Itacir Pereira ficou decepcionado com descaso

holsa  
curado

ZERO  
OUT  
95

3

Barbara Pettes/ZERO

# Pimba! Governo lança bingo eletrônico

Sorteios são feitos por computador e divulgados em aparelhos de televisão para 260 pontos de apostas

Movidos pela tentação de ganhar dinheiro fácil, ou simplesmente por pura diversão, milhares de catarinenses foram fígados pela mais nova loteria instantânea do estado, o Pimba. Só em Florianópolis existem cerca de 65 unidades de apostas, que em apenas uma semana de funcionamento faturaram em torno de R\$ 2 mil.

O Pimba chegou ao estado em quatro de setembro desse ano. Na primeira etapa de implantação do sistema 260 terminais foram instalados em sete cidades: Florianópolis, Criciúma, Joinville, Itajaí, Blumenau, Chapecó e Lages. "Para a segunda etapa pretendemos instalar 340 terminais, nas cidades de Balneário Camboriú, Brusque, Rio do Sul, Tubarão, Joaçaba e Concórdia", diz o técnico da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (Codesc), Izaias Silva.

O jogo, administrado pela loteria estadual, destina 65% dos recursos à premiação e impostos.

Dos 35% restantes, 13% vão para a empresa que ganhou a concorrência para explorar o jogo no estado, a Racinec Informática Brasileira S.A., 9% fazem parte da comissão do revendedor e os últimos 13% vão para obras assistenciais. Todo os gastos com a instalação de terminais e a divulgação do Pimba são responsabilidades da Racinec, que deve gastar cerca de US\$ 2,4 milhões na implantação da segunda fase do sistema.

No Pimba, o prêmio máximo é de R\$ 70 mil. A pessoa escolhe em quantos números jogar (de 1 a 10) e também estabelece o valor da aposta, que varia de R\$ 0,50 a R\$ 5,00. Segundo a funcionária da Loteria Loterias, Tereza Kunner, o valor máximo pago em Santa Catarina foi de R\$ 2 mil. Ela explica que os valores superiores a R\$ 200 devem ser retirados em qualquer agência do BESC, num prazo de 90 dias.

Os terminais de computador das casas lotéricas estão ligados diretamente, através de on-

das de rádio, ao Centro de Processamento de Dados da Racinec em Curitiba. Lá são computadas 80 mil apostas por segundo. O computador sorteia aleatoriamente 20 números, que são transmitidos para todos os aparelhos ligados. Os resultados saem a cada cinco minutos e os jogadores podem retirar o prêmio em qualquer casa de aposta.

"Esse jogo vicia, caso as pessoas não tomem cuidado", diz o contador S.J. Segundo ele, somente os jogos de azar são capazes de reunir tanta gente no calçadão da Felipe Schmidt em plena tarde de segunda-feira. Cerca de 50 pessoas estavam em frente ao televisor anotando os resultados do jogo.

Para o representante comercial Carlos Couto Pereira é a instantaneidade de resultados que mais chama a atenção no Pimba. "A pessoa sabe na hora se ganhou ou não", diz Pereira. Ele acha que esse tipo de jogo tornou-se uma mania nacional pela falta de cultura do povo brasileiro. "Se tivéssemos bons



teatros, mais folclore e interesse pela leitura, não perderíamos tempo com isso". Só naquele dia, Pereira já tinha apostado 10 vezes.

E a tentação dos jogos continua. A partir do dia 23 de outubro a Codesc lançará o Jogo dos Símbolos, uma nova modalidade de loteria onde o apostador escolhe seis dos 30 símbolos disponíveis na tabela. "Esses jogos darão uma ótima receita para o estado de Santa Catarina", diz Izaias.

Michele Oliveira  
Renata Lago

# Um dia de criança de rua

Eles não são conhecidos, mas são meninos-prodígios por seus feitos. Amarildo Fernando da Silva e Leandro Pinheiro Santos, ambos de 12 anos, estão entre os 3,5 milhões de crianças, na faixa de 10 a 14 anos, que trabalham no Brasil. Meninos que perderam - se é que conheceram - a magia da infância. A responsabilidade de sustentar a família os obrigou a trocar as brincadeiras pela jornada de trabalho de doze horas.

Amarildo, um garoto franzino de grandes olhos verdes, carrega uma caixa de engraxate nas costas de segunda a sábado. Nasceu em São Miguel d'Oeste, porém não lembra o dia. Atualmente mora com os pais e mais três irmãos - dois excepcionais - numa casinha de quatro cômodos em Formosa, um bairro próximo a Forquilha, em São José. Ele é o caçula da família, mas desde os sete anos de idade ajuda seu pai, um pedreiro de 67 anos, a sustentar os irmãos.

Todos os dias, o garoto acorda às seis horas, pega seu material de serviço, entra num ônibus que leva cerca de quarenta minutos para chegar ao centro de Florianópolis e só retorna para casa às sete da noite. "Num dia bom dá pra conseguir até três reais", diz Amarildo. Tirando o dinheiro da passagem - R\$ 1,20

- o restante ele entregue para a mãe. Além da passagem, às vezes ele pega quarenta centavos para almoçar um croquete. "Quando não tenho dinheiro eu peço emprestado para algum colega meu, ou então não como", diz.

Quando chega em casa à noite, Amarildo ainda ajuda sua mãe a lavar a roupa e a louça. Só depois é que vai dormir, já derrotado pelo cansaço. Sem a opção da televisão ou do rádio, quando ele tem tempo - normalmente só aos domingos - gosta de brincar "de se esconder" com os amigos. "As vezes eu também jogo bola", diz o menino, se manifestando pela primeira vez como uma criança de fato.

Sonhando ser pedreiro quando crescer, Amarildo só deu outra demonstração que era uma criança quando disse o que gostaria de ganhar no dia 12 de outubro. Embora não soubesse que esse dia existe, tampouco quando seria comemorado, indagado a respeito de presentes olhou para frente e, com um olhar distante, afirmou que gostaria de ganhar chocolates, muitos chocolates.

Leandro, amigo e companheiro de trabalho de Amarildo, encontra-se em pior situação. Com 12 anos e um pouco mais alto e mais falante que o colega,

a responsabilidade de Leandro é ainda maior. Ele sustenta o pai e a mãe desempregados, cinco irmãos menores, a irmã mais velha, com 13 anos e já casada, e o cunhado, também sem trabalho.

A vida profissional de Leandro começou cedo. Desde os seis anos de idade já ajudava o pai na roça - quando tinham uma em São Miguel d'Oeste. Trabalhou também colocando venenos em plantações de algodão numa fazenda paraguaia. "Aquilo queimava as mãos", diz ele, que prefere o trabalho de engraxate.

Só com a primeira série primária, ele acredita que o estudo seria uma forma de melhorar de vida. "Se eu tivesse estudado gostaria de ser cantor sertanejo", fala como uma pessoa vivida, usando sempre os verbos no passado e sem muitas perspectivas de futuro, apesar da pouca idade. "Eu sempre tive que trabalhar, não posso estudar", conclui.

Leandro, assim como Amarildo, não sabia que no dia 12 de outubro comemora-se o dia da criança. Porém, quando lembrado, demonstrou-se mais ambicioso que o amigo e disse que gostaria de ganhar uma bicicleta.

Sandra Vieira



## Florianópolis terá a primeira estrada privatizada do país

A duplicação da rodovia SC-401 no trecho entre o balneário de Canasvieiras e o bairro do Itacorubi, com 19,6 km de extensão, vai trazer à cidade uma novidade que deve causar polêmica - a cobrança de pedágio.

Cada vez que um carro passar pela rodovia terá que deixar R\$0,77 em dinheiro ou em forma de cartão no caso de quem precisar passar pela estrada diariamente. A taxa será cobrada num posto com 11 boxes entre o acesso a Santo Antônio e a Polícia Rodoviária Estadual. As obras da duplicação começaram no último dia 21 de agosto com uma solenidade no trevo de Jurerê.

O sistema de concessão criado pelo estado teve como vencedor da concorrência a empreiteira Engepasa, que tem três anos para concluir a obra e vai investir

R\$ 30 milhões na duplicação. Na privatização à brasileira, a Engepasa conseguiu um financiamento parcial do custo junto ao BNDES, que será pago com o lucro da cobrança do pedágio. A empresa fica responsável pela manutenção e conservação da rodovia por um período de 25 anos. O diretor geral do DER, Renato Faust, calcula que a cobrança só começará no verão de 97, mas nada impede que a empresa comece a cobrar a taxa antes do término das obras. O primeiro trecho a ser concluído será exatamente o do posto de recolhimento do pedágio.

Não há precedentes de cobrança de pedágio de moradores de bairro de uma cidade. Caso haja problemas com a tarifa, a Engepasa está amparada por uma cláusula contratual que res-

ponsabiliza o governo do estado por possíveis indenizações à empresa sobre seus investimentos.

Para o gerente da pousada Petit, em Canasvieiras, Marcos Fábregas, quem mora no Norte da ilha e tem carro tem condições de pagar o valor do pedágio. Para o gerente, o mais importante são as melhorias e a segurança da estrada. A SC-401 tem capacidade atual de tráfego de 13 mil veículos por dia na alta temporada, número que poderá chegar a 30 mil com a duplicação.

O projeto prevê a construção de cicloviárias e acessos elevados ou subterrâneos no lugar dos trevos. O comércio atualmente estabelecido ao longo da SC-401 vai ser transferido para as vias marginais. Os acessos aos balneários de Jurerê, Ingleses e Daniela também

serão reformados.

**Preço de banana-** Para a passagem da nova estrada, o governo pretende desapropriar 80 terrenos. O estado prevê um gasto de R\$ 6 milhões com o pagamento de indenizações. Os peritos do DER calculam que o metro quadrado naquela área está custando R\$ 26,60 em média. Há muita área construída, principalmente na região do bairro Saco Grande. Assim, o governo estaria se propondo a comprar os terrenos a preço de banana, mesmo que por uma razão justificável.

A SC-401 foi inaugurada há dezoito anos e se estende entre mangues, morros e vegetações. Sua construção causou a redução de uma parte do mangue no Saco Grande. Problemas com um relatório de impacto ambiental da Secretaria de De-

envolvimento Urbano e Meio Ambiente e uma liminar na justiça exigindo o detalhamento do que era Mata Atlântica ao longo da via obrigaram a Engepasa a alterar o projeto original da duplicação.

O atual projeto não atinge mais a reserva biológica de Carijós, por isso a Fatma permitiu que as obras começassem. O DER ajudará nas demarcações e na fiscalização da reserva. Uma pedreira em Rationes, a mesma que forneceu matéria prima para a construção da estrada, vai ser reativada para a duplicação. Como compensação pelos possíveis danos ao ambiente, a Engepasa fica comprometida com a criação de uma reserva biológica com custo mínimo de 1% do valor total da obra.

Aline Cabral



Amarildo e Leandro estão entre as 3,5 milhões de crianças brasileiras que trabalham para sustentar a família

# Nilcéa é a candidata da situação

*Vice-reitora quer agora ser a titular do cargo e continuar o trabalho de Diomário Queiroz*

eleição  
na  
UFSC

**N**ilcéa Lemos Pelandré e Carlos Alberto Szücs encabeçam a chapa Universidade Cidadã, que pretende dar continuidade ao trabalho do atual reitor da UFSC. Nilcéa deixou o gabinete de vice-reitora para concorrer à vaga titular da administração universitária. Aos 44 anos, ela está em doutoramento na área de Educação. Ele tem 43 anos e é doutor em Engenharia Civil. São professores de dedicação exclusiva à UFSC e se utilizam desta característica para determinar o perfil de sua campanha. "Somos uma candidatura acadêmica", define Nilcéa.

A campanha é financiada por doações de simpatizantes e promoções. Até o dia dois de outubro, já tinham sido arrecadados R\$ 11.537,05 e gastos R\$ 6.362,49 em publicidade. Nilcéa não avalia quantas pessoas estão diretamente engajadas na chapa, mas relata

que na semana passada o comitê de articulação já tinha reunido 60 pessoas.

Eles têm apoio maior junto aos professores, mas afirmam que o eleitorado entre os servidores vem crescendo. "Isso acontece porque a política de valorização de recursos humanos da atual gestão mostra preocupação com a qualidade de vida de nossos funcionários", contabiliza a candidata.

**"O outro candidato tem somente experiência administrativa e a UFSC não pode servir de trampolim político"**

O que significa ser uma candidatura acadêmica?

Antes de tudo, significará ter formação acadêmica.

Os outros candidatos têm apenas a graduação. Além disso é preciso viver a instituição, nós somos professores de dedicação exclusiva e temos experiência com ensino, pesquisa e extensão, além da administração. O outro candidato tem somente a experiência administrativa e a universidade não pode ser um trampolim político.

Se vocês prometem se-

guir o que foi proposto pelo atual reitor, o que ainda falta e deve ser feito se a chapa Universidade Cidadã for eleita?

Nossa chapa vai ser eleita. Do atual programa nós ainda queremos implementar a revisão das normas de extensão, o que já foi avaliado dentro da universidade. Agora nós queremos saber a opinião dos usuários destes serviços. É preciso também elaborar uma política cultural. Na eleição anterior nós tínhamos a idéia de criar uma orquestra sinfônica. Com a estruturação da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina fica a dúvida: será que Florianópolis comporta duas orquestras?

Durante o mês de setem-

bro sua candidatura promoveu quatro debates. Quais propostas foram recebidas através deles?

Os Fóruns da Universidade Cidadã trouxeram ao nosso programa a participação que queremos manter durante nosso mandato. Queremos fazer da UFSC uma universidade mais comprometida com a comunidade. Os fó-

runs sobre Educação, Cultura, Qualidade Vida e Contribuição no Projeto Político Nacional deixaram claro que a educação é o passaporte para a cidadania e que a universidade é a instituição mais qualificada para construir o projeto de uma política nacional, já que trabalhamos com todas as áreas.

Qual é a sua posição sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação?

Somos a favor da proposta do senador Cid Sabóia. Ela é a que contempla a manutenção da universidade pública e gratuita. É necessária a democratização do ensino, pesquisa e extensão.

Joice Sabatke



Nilcéa: perfil acadêmico contra administrador

Paulo da Tarsos/ZERO

ZERO  
OUT  
95

## Químico aponta saída para pesquisa no país

Não há uma empresa nacional na área de química que possa competir em igualdade de condições com o mercado externo. Tudo porque falta ao país um dos fatores essenciais para o desenvolvimento tecnológico: profissionais qualificados. Por isso as multinacionais não investem no Brasil em projetos que exijam mão-de-obra muito especializada, como é o caso das indústrias de ponta. A conclusão é do professor Faruk Nome, do Departamento de Química da UFSC e um dos mais importantes cientistas do país. "É difícil desenvolver tecnologia com um índice de analfabetismo como o do Brasil".

Apesar do quadro desanimador, o professor Faruk Nome apontou uma alternativa: a cópia. "Não tem outro jeito de produzir, pois formar um fármaco leva tempo e custa caro. Entre

US\$ 100 mil e US\$ 170 mil". A recomendação de Nome é para que o Brasil siga o exemplo do Japão. "Muitos países copiaram o que os outros produziram e se saíram muito bem".

**Química fina** - Outra saída para o Brasil, segundo Nome, seria investir na química fina. Esse setor da química fabrica produtos pouco volumosos, mas com um custo elevado porque passam por várias etapas e exigem equipamentos sofisticados. Estão incluídas aí a perfumaria e a síntese de remédios como o AZT, já produzido na UFRJ. "Empresas grandes não tem interesse em produzir nessa área. Preferem investir em coisas mais simples".

Para aumentar o número de químicos qualificados, o professor Faruk Nome e sua equipe priorizaram a formação de dou-

tores em química na UFSC. "Esse foi o único jeito de amenizar a deficiência de especialistas no estado". As estatísticas apresentadas pelo professor assustam. Há quase 20 anos empresas particulares nos EUA tinham centros de pesquisa com mais de mil doutores em química. O Brasil só alcançou esse número agora.

**Central de análises** - Além da formação de recursos humanos, o cientista decidiu montar uma Central de Análises. Nela serão estudadas amostras de materiais. O serviço pretende atender a todo o estado e isso permite economia de pelo menos US\$ 500 mil. Dinheiro gasto, atualmente, com esse tipo de pesquisa feita em laboratórios do Rio de Janeiro e São Paulo. A secretaria de Ciência e Tecnologia aprovou o projeto do profes-

sor Faruk Nome e só se comprometeu a fazer a divulgação. O apoio financeiro, segundo ele, é "capenga". No ano passado, a secretaria liberou apenas US\$ 400 mil dos US\$ 8 milhões destinados a pesquisa científica.

A formação profissional do professor Faruk Nome começou no Chile, sua terra natal. Entre 1964 e 1970 estudou Bioquímica na Universidade do Chile, único curso com vagas na época. A partir de 1971 trabalhou com o presidente Salvador Allende na produção de leite a partir da farinha de peixe. Isso porque, segundo Nome, a prioridade do governo era saciar a fome dos chilenos. De 1974 a 1976, Nome fez doutorado no estado americano do Texas, e está no Brasil desde 1977.

Luciane Lemos

# Alunos pagam para não estudar

**Estudantes desembolsam até R\$ 300 por trabalhos universitários**

Entre anúncios de lugares para morar e computadores para vender, nos murais da UFSC encontram-se também "fabricantes de trabalhos universitários". Com a garantia de sigilo absoluto e o pagamento que varia de R\$ 100,00 a R\$ 300,00 qualquer pessoa pode encomendar seu trabalho escolar. É claro que a maioria dos anúncios oferece apenas a digitação do conteúdo - obedecendo as regras da ABNT e atendendo às exigências dos professores - mas alguns "prestadores de serviço" fazem todas as etapas do trabalho, desde a pesquisa até a elaboração do texto.

Nem o Ministério da Educação, nem as instituições de ensino realizam qualquer tipo de repressão a essa atividade que, embora ilegal e fraudulenta, tem grande procura pelos graduandos. A profissão de *ghost-writer* (escritor-fantasma) não faz milionários, mas garante um bom reforço no orçamento. J.M. é formado em História pela UFSC e, além de aulas particulares, faz trabalhos de História e disciplinas similares como Educação e Geografia. S.S. é amiga de J.M.

e tem como característica a polivalência. "Encaro qualquer disciplina", gaba-se. A maioria dos textos que os dois produzem são trabalhos normais de graduação, custando aproximadamente R\$ 100,00. Mas as chamadas monografias de bacharelado também são "fabricadas", podendo chegar a R\$ 300,00. "Já fiz até um trabalho de mestrado para um conhecido do Paraná", revela J.M.

**Agilidade na produção** - O trabalho dos *ghost-writers* é bem-feito e pode garantir boas notas. O custo para cada página lida é de R\$ 0,80, o que fez com que J.M. frequentasse um curso de leitura dinâmica para agilizar a produção. A página escrita sai por R\$ 4,00 ou R\$ 5,00. Tanto J.M. quanto S.S. sabem que o que estão fazendo não é certo. "Nós estamos cometendo uma irregularidade, mas é só porque alguém nos procura", defende-se S.S.

Um estudante de Direito da UFSC que também não quis se identificar é cliente assíduo de S.S. e, recentemente, tirou nota 9,0 em um trabalho sobre direito trabalhista. "Trabalho o dia inteiro e não tenho tempo para ler e escrever", explicava o aluno de Direito enquanto pagava R\$ 96,00 por um trabalho de 20 páginas. "Sei que não é nada ético, mas preciso me formar", justifica o futuro

advogado.

Segundo pesquisas, os fantasmas não são um privilégio nacional. Na Alemanha uma investigação recente constatou que pelo menos 300 doutores se formam todos os anos às custas de trabalhos alheios. No Brasil não se tem idéia dos números e muito menos do que fazer com relação ao assunto. A pedagoga Maria Scolatti defende a aproximação do professor com o aluno. "Um bom orientador, exigindo dedicação e

acompanhando de perto o trabalho de seu aluno, consegue evitar as fraudes e melhorar a qualidade dos trabalhos", explica.

J.M. já fez aproximadamente 100 trabalhos para terceiros. Desses, nenhum voltou para reclamar da qualidade. Três voltaram para agradecer. É provável que não tenham tido dificuldades para a obtenção de uma boa nota.

**Eduardo Mira**



tudo por uma nota

ZERO OUT 95

## Julgamento simulado absolve homicida

Um dia depois que o curso de História resolvia julgar se o nome da capital catarinense era homenagem ou humilhação, o Direito da UFSC realizou o *Tribunal do Júri Simulado*, um tipo de julgamento-laboratório envolvendo professores e alunos do curso. O *Tribunal* aconteceu no auditório do centro Sócio-Econômico das 15 às 20 horas do dia 6, e teve um público razoável. Embora o julgamento tenha sido uma atividade acadêmica, o caso julgado foi verídico.

Em 1993 Pedro Antônio Prudêncio, de 54 anos, matou seu genro com seis tiros, em Braço do Norte, sul do estado. No julgamento oficial, foi condenado por homicídio a 12 anos de prisão. No simulado, a defesa conseguiu a absolvição, alegando legítima defesa. Venceu com quatro votos contra três.

Na falta do verdadeiro réu e



Em 93 o réu foi condenado a doze anos por matar o cunhado

testemunhas, defesa e acusação se valeram dos autos do processo para as argumentações. O juiz foi Júlio César de Mello, do fórum da UFSC, que iniciou o *Tribunal* didaticamente, mostrando os procedimentos-padrão. Primeiro fa-

lou a acusação, composta pelos alunos Juliano Frohner e Viviane Nocetti Graciosa. Uma hora e meia depois foi a vez da defesa, a cargo dos alunos Adolfo Penkuhn, Werner Kurth e Marcelo Dantas.

Tanto a defesa como a acusação tiveram orientação de professores e encararam com seriedade suas tarefas. Vestidos com as tradicionais togas, capricharam nas argumentações, mostrando conhecer o ofício. Os ânimos se acirraram em alguns momentos, mas nada comparável ao último *Tribunal*, realizado há dois anos e que terminou em confusão.

O que valeu para os dois lados foi a reprodução de um ambiente profissional do trabalho jurídico. "Participamos deste julgamento para aprender e, mesmo sem ganhar, atingimos o nosso objetivo", afirmou Juliano Frohner. Foi um julgamento mais útil para a Universidade do que aquele que julgou Floriano Peixoto, um ex-presidente que está há décadas debaixo da terra.

**René Müller**

# A república da caverna

Ex-aluno constrói casa no campus e adota universidade como lar



Há quatro anos ex-aluno "filosofa"...



Dozol construiu a casa em 91 e é o único morador. Vizinhos nem o cumprimentam

ZERO  
OUT  
95



... escreve A Voz da Caverna à mão...



... e quer o direito de viver no campus

Para Moacir de Oliveira Dozol a universidade não é o seu segundo lar - é o primeiro. Aos 36 anos, ex-aluno da Universidade Federal de Santa Catarina, ele é o único habitante da "República da Caverna". A casa, construída por ele, fica num dos lugares mais bonitos do campus - a 100m da Igrejinha da UFSC.

Na porta, 10 sementes de urucum penduradas e algumas colagens. Um recorte de jornal diz: "Hazel Rodgers, 75, fuma maconha no *Cannabis Bower's Club* de San Francisco." Um adesivo sugere a reformulação do tratamento psíquico: "Manicômio. Tire essa idéia da cabeça". E um pensamento grego completa a decoração da entrada: "Onde entra o sol não entra o médico".

Em 1979, Dozol deixou Laguna para cursar Filosofia na UFSC, que a partir daí seria a sua residência definitiva. Até 81 ele morou em pensão, barraca e no Centro Acadêmico de Filosofia, até fundar, com mais sete companheiros, a Casa do Estudante Universitário - também chamada de CEU.

Dozol já havia concluído o bacharelado e a licenciatura quando largou a pós-graduação em 89. Na mesma época surgiram as primeiras intrigas entre os moradores da CEU. "Quando as diferenças de hábitos e costumes tornaram-se insuportáveis, comecei a construir uma casinha de madeira do lado da CEU", conta.

Depois de *ter a integridade física ameaçada* por um ex-boxeador, Dozol diz que veio a "gota d'água". "Eu cheguei em casa e vi a porta do meu quarto arrombada. Meus pertences tinham sido revirados", conta. No dia 3 de agosto de 91 ele fundou a República da Caverna. O nome *república* sugere uma pensão onde o dono é o único hóspede. A palavra *caverna* define um lugar quase escondido.

**Gatos e coelhos** - A casa é o centro de um pomar onde, entre a predominância de bananeiras, é possível encontrar outros 16 tipos de fruta. Inclusive uma amarela que o morador da caverna chama de "cabeluda". Os gatos que rodeiam a casa não se assustam quando uma pessoa se aproxima. Eles tomam a água dos bebedouros que já serviram para matar a sede dos 30

coelhos que Dozol criava. Com a morte dos coelhos, que para ele foi criminoso, não fez mais sentido continuar o curso de Agronomia iniciado em 90.

Na varanda da república, as bandeiras do PC do B, do PT e da cidade canadense de Quebec combinam-se tanto quanto as linhas de raciocínio de Dozol. Perguntado sobre a sua atual ocupação, improvisa um discurso que relembra o feudalismo, passa pela Revolução Industrial e termina na constatação: "É... acho que isso que eu falei não ficou muito claro...".

Dentro da Caverna a única coisa nova é a geladeira Consul - uma das poucas aquisições depois da moto Honda Super Sport. No tanque da moto, um adesivo: "Use cinto". O relógio, que marca sempre a mesma hora, fica na parede próximo à escada que leva ao sótão. É lá que o filósofo faz as suas reflexões noturnas e dorme.

**Muro de Berlim** - Depois de ter como morador o atual coordenador da central de segurança do campus, Sálvio José Vieira, a CEU abriga hoje estudantes que nem cumprimentam o morador da casa ao lado. "Existe um *muro de Berlim* entre nós", confessa Dozol.

Em 83, no primeiro dos cinco números do jornal *A Voz da Caverna*, que ele escreve à mão, Dozol publicou a carta do companheiro de faculdade Júlio Balthazar. Na carta, um conselho que fez questão de não atender: "Cósmico Dozol. Nós aboliremos o Estado, a família, a escola, a religião, o exército e todos os aparelhos de dominação do Estado. Continue comigo que serei grande". Dois anos depois, Júlio se enforcou com a própria cinta.

O dinheiro que Dozol consegue como professor de filosofia no colégio Aníbal Nunes Pires é o suficiente para a sobrevivência. Prestes a terminar de ler *O Capital*, de Karl Marx, ele já defendeu junto à reitoria o direito de permanecer na casa. O argumento "*Sou um cidadão e não tenho para onde ir*", deu certo. Mesmo com o pedido de reintegração de posse feito pela UFSC, que tramita na Justiça Federal, ele continua no lugar que considera seu por direito.

Sérgio Negrão